

Aquiles nos discursos de escola

Achilles in school speeches

Rui Miguel Duarte

Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
rmduarte@edu.ulisboa.pt
ORCID: 0000-0001-7609-8794

Palavras-chave: Aquiles, *progymnasmata*, comparação, etopeia, encómio, censura.
Keywords: Achilles, *progymnasmata*, comparison, ethopoeia, enkomion, invective

Introdução

Na retórica escolar helenística, e mais tardiamente nas das épocas imperial romana e bizantina, os *progymnasmata* ocupam lugar de relevo. A primeira referência a um tal conjunto de exercícios retóricos é feita pelo autor da *Rhetorica ad Alexandrum* 28. Este facto levou a propor a hipótese de que a sua origem remonta ao século séc. IV a.C. É um hipótese com fundamento, porquanto Cícero (*Orator* 14.46) escreve que Aristóteles ensinou um destes exercícios, a tese, *non ad philosophorum morem... sed ad copiam rhetorum* (Alexandre Júnior, 1989, 32). Mas o processo gradual de adopção de um número determinado de exercícios só parece ter-se tornado geral a partir do primeiro século a.C., “em resultado de um processo gradual de experiência didáctica que, aliás, teve lugar durante todo o período helenístico” (Júnior, 1989, 32). Nas escolas romanas, segundo informação de Suetónio (*De rhetoricis* 1), eram já ensinados desde século I a.C.. Todavia, o primeiro trabalho de sistematização conhecido dos *progymnasmata* num manual didáctico deve-se a Élio Téon de Alexandria, datado do início da época imperial¹.

Através destes exercícios, os aprendizes eram convocados a realizar exercícios de retórica, argumentação e composição literária sobre variados temas e personagens históricas gregas e míticas, como preparação para os discursos de grande fôlego que os futuros oradores haveriam de ser chamados a pronunciar, em *meletai*, declamações públicas de exibição de eloquência. Estamos na era da

¹ Patillon (1997, VIII-XVI) analisou o problema e propõe esta data.

Segunda Sofística (sécs. I – IV d.C.), a era em que a retórica se tornou artificialidade, exercício de escola e exibição de aparato, em que se punha em cena um universo de temas e personagens, bem dentro daquela cultura que Russell (1983, p. 22) designou como *sophistopolis*², a sociedade e a cidade dos Sofistas, do puro deleite do intelecto e da finura de raciocínio, e da exibição de tais qualidades. A figura de Aquiles foi uma das que se prestou a esses exercícios³.

A ela estão associadas uma determinada reputação e glória, uma narrativa de gestas e um certo perfil psicológico. Aquiles não foi apenas o paradigma do guerreiro e modelo de coragem. A primeira coisa que dele sabemos (*Iliada* 1.1-2) é que foi uma figura altiva, dada à ira, ira essa que foi causa de desgraças para os seus companheiros de armas.

A recepção das narrativas sobre a personagem dependia da perspectiva. Existem duas visões diametralmente opostas. Do discurso, a retórica é a rainha e, como é sabido, em retórica pode argumentar-se num sentido ou no seu contrário. Entre os vários *progymnasmata*, Aquiles aparece como tema principalmente em três. Um deles, a *ethopoeia*. Tratando-se de um herói, presta-se ainda ao *enkomion* e ao *psógos*, encómio e censura. Outro é o da *synkrisis*, em que se comparava uma personagem a outra, seu émulo (como Diomedes ou Ájax).

No presente estudo serão analisados uma etopeia, um par encómio e censura e uma comparação. Em virtude da extensão dos discursos-modelo, incidiremos nos aspectos e tópicos que mais pertinentes nos pareceram de modo a melhor clarificar não somente as declinações da recepção da figura de Aquiles nos discursos de escola, mas também os métodos de trabalho praticados nesta. Assumimos as escolhas dos passos a ler e comentar.

Ethopoiia

Principiemos por tratar da etopeia (ἠθοποιία), designada *prosopopeia* (προσωποποιία) por Élio Téon de Alexandria (Patillon, 1997). No tratado de Pseudo-Hermógenes (Patillon, 2008, IX 1.1-2), o exercício é definido como a “imitação do ἦθος de uma determinada personagem.” Através deste ἦθος, configura-se uma imagem-modelo dessa personagem, fundamento da fama que granjeia. Esta imagem-modelo torna-se conhecimento histórico da personagem, das virtudes e feitos que lhe ficam ligadas. Hermógenes de Tarso, retor dos sécs. II-III d.C.⁴,

² Cf., sobre as ligações que se podem estabelecer entre os *progymnasmata* e as declamações do mundo romano, o recente artigo de Van Mal-Maeder, 2020, pp. 118-129.

³ Michel Patillon (1997), nas suas edições de textos de retórica grega tardia, a partir dos *progymnasmata* de Élio Téon de Alexandria, tem enfatizado com insistência o carácter escolar e artificial desta retórica tardia, que se prolongou por séculos nos *curricula* bizantinos.

⁴ Sobre a obra de Hermógenes cf. a tese de Patillon, 1996 e 2009 (introdução, edição, tradução anotada ao tratado *Περὶ στάσεων*). Este tratado motivou uma longa tradição de comentários de autores bizantinos: Siriano (Rabe, 1893). Sópatro (Patillon, 2019); Marcelino, Jorge Monos e Anónimos (para uma síntese ver Patillon 2009, pp. LX-LXXXVI. Cf. também Duarte (2006), para uma edição parcial dos comentários anónimos transmitidos pelos códices *Parisinus Graecus* 2983 e 2977,

Estados de causa (Patillon, 2009, I 18) explica que entre os *ἀσύστατα*, questões mal-formadas, que não fornecem matéria para inquérito e debate, contam-se as inverosímeis (*ἀπίθανα*). O exemplo de inverosimilhança dado por Hermógenes é: “se se ficcionasse Sócrates como um proxeneta”. O escoliasta Sópatro (Patillon, 2019, I 8 24.4-7) comenta que se pode acusar Sócrates de afronta aos deuses (a acusação histórica) ou outro delito do género, mas nunca de prostituição, acusação que seria inverosímil face à sabedoria dos seus costumes. E acrescenta o exemplo de Aquiles (I. 8. 25):

τούτων δὲ ἔστω καθολικὸν ἐπὶ πάντων παράδειγμα, οἷον· Ἀχιλλεὺς μὲν οὐδὲν ἀπεικὸς εἶναι προδότην καὶ χρημάτων ἡττονα· δειλὸν δὲ ἢ λειποτάκτην οὐκ ἂν ἔχοις γράφεσθαι. Seja, para todas estas questões, o seguinte exemplo geral: nada há de irrazoável em que Aquiles seja culpado de traição ou corrupção; mas de cobardia ou deserção não o poderias acusar⁵.

O facto de o escoliasta escrever que este exemplo de enunciado sobre Aquiles é “geral” parece indicar que seria usado profusamente nas escolas. Está dado o mote relativamente ao ἦθος modelo desta personagem: a virtude, ou característica, mais fortemente associada à fama do Pelida é a bravura heróica – não a ira.

O propósito da etopeia era ficcionar *τίνας ἂν εἴποι λόγους*⁶; isto é, quais seriam as palavras adequadas ao ἦθος da personagem em questão e em determinada circunstância. Esta invenção do discurso da personagem confundiu-se com o exercício no seu todo. As definições de Élio Téon (Patillon, 1997, 8 115.11-22 p. 70), Pseudo-Hermógenes (Patillon, 2008, IX 1. 2-3), Aftónio (Patillon, 2008, XI 1. 3-6) são claras. Élio Téon, porém, explana melhor que para o exercício ser bem feito se requer que as palavras a forjar se adequem à idade, sexo, condição social, diferenças étnico-culturais, entre outros factores (Patillon, 1997. 8 115.23-116.21 pp. 70-71).

Mais adiante, Pseudo-Hermógenes (Patillon, 2008, IX 6.6-7) apresenta um dos temas mais trabalhados: *τίνας ἂν εἴποι λόγους Ἀχιλλεὺς ἐπὶ Πατρόκλῳ*; “Que palavras diria Aquiles sobre o cadáver de Pátroclo?” O tema tem uma versão mais longa, com um segundo elemento: *τίνας ἂν εἴποι λόγους Ἀχιλλεὺς ἐπὶ Πατρόκλῳ καί μιν βουλευόμενος πολεμεῖν*; “Que palavras diria Aquiles sobre o cadáver de Pátroclo e decidido a partir para o combate?”.

Pseudo-Hermógenes, como Aftónio (Patillon, 2008, XI 2.8-9) e Nicolau de Mira (Felten, 1913, 64.14-17), seguem tradição comum, tanto na teoria da divisão dos tipos de etopeias, como na selecção deste exemplo. Assim, uma das divisões das etopeias é em etopeias éticas, patéticas e mistas. Estas últimas são as que compreendem ambos os elementos, ἦθος e πάθος. Pseudo-Hermógenes IX 6.7-9 assim expõe:

correspondente às pp. 104-245 da *editio princeps* destes escólios anónimos por Walz (1832-1836, série *Rhetores Graeci*, vol. VII, pp. 104-646) e ainda Patillon (2018), com edição dos comentários de Eustátio, uma das fontes do Anónimo.

⁵ As traduções em português são nossas.

⁶ Sobre a fórmula ver Fournet, 1992, p. 255; Pirovano, 2013, “*Quibus verbis uti posset...*”, pp. 236-238.

Τίνας ἂν εἶποι λόγους Ἀχιλλεύς ἐπὶ Πατρόκλῳ· καὶ γὰρ τὸ πάθος διὰ τὴν τοῦ Πατρόκλου σφαγὴν καὶ τὸ ἦθος ἐν ᾧ ἦθος περὶ τοῦ πολέμου βουλευέται.

Que palavras diria Aquiles sobre o cadáver de Aquiles? Pois, o *pathos* é devido à morte de Pátroclo, e o *ethos* está presente na decisão de partir para a guerra.

A fonte deste tema é *Il.* 18.324-342. O ἦθος do Pelida é de um homem dado às pelejas e ao heroísmo com que estas coroam os indivíduos; o sofrimento suscitado por uma circunstância particular, a morte violenta e inesperada do mais próximo companheiro, é extremo, apropriado a um luto por um ente querido. Este tema foi tratado recorrentemente; está presente no discurso de Etopeia 3 de Libânio de Antioquia⁷, retor do séc. IV d.C.: τίνας ἂν εἶποι λόγους Ἀχιλλεύς ἐπὶ Πατρόκλῳ κειμένῳ; “Que palavras diria Aquiles sobre o cadáver de Pátroclo?”⁸. Além desta, Aquiles é a personagem de outros discursos de etopeia de Libânio: Etopeia 4, 12 e 13 sobre o mesmo tema, 15⁹.

Resumamos a Et. 3 O discurso é curto, compondo-se de oito parágrafos. No primeiro, que constitui o prómio, Aquiles lamenta a má fortuna de ambos, a sua por ter perdido o mais querido camarada, a deste por lhe ter calhado uma sorte contra a esperança. Aquiles expressa o desejo impossível, o de que as coisas houvessem atingido um outro desfecho: não houvesse Pátroclo decidido partir para o combate, ainda estariam juntos na mesma tenda. Termina com nota de fatalismo trágico: o que temia que sucedesse acabou por efectivamente suceder. Nos parágrafos 2 a 3, narra com elogio os tempos que passaram juntos e alguns actos de bravura de Pátroclo. No 4, invoca as lágrimas que a sua morte deixou e pergunta ao amigo morto que palavras causará para contar ao pai a morte do filho. No 5, expressa a determinação de vingar a morte na pessoa de quem o matou, Heitor, cujo nome está subentendido. Todo o estado anímico da personagem é de uma fatalidade, um dever e necessidade constringentes a encetar um certo curso de acção, que cessará num fim necessário, conhecido e também desejado, a comunhão na morte. Assim justifica o regresso ao combate:

ἀλλ’ ἐπειδὴ τοῦτο γε παθεῖν ἐχρῆν, ὥς οὐκ ὄφελεν, οὐδὲ τελευτήσαντος ἀπολείψομαι, ἀλλ’ ἀμυνῶ σοι κατὰ τὸ δυνατόν. ἐπειδὴν δὲ κάμει τὸν βίον καταλῦσαι δέη, σὺν σοὶ κείσομαι. οὐ γάρ μοι θέμις μεθ’ οὗ ζῶν διετέλουν, τούτου τελευτήσαντος ἐχθρὸν γενέσθαι. Mas como é necessário que eu sofra isto, como eu gostaria que o não fosse, não te abandonarei morto, mas defender-te-ei como me for possível. Mas quando também eu tiver de entregar a vida, jazerei contigo¹⁰. Pois não me assiste o direito de me tornar inimigo daquele com quem partilhei a vida, após a sua morte

⁷ Sobre a etopeia em Libânio, ver Schouler (2005).

⁸ Cf. a tradução anotada de Gibson (2008), com texto grego fixado por Foerster (1903-1927). As traduções em português fornecidas neste estudo são do nosso cuidado.

⁹ Sobre a etopeia em Libânio, cf. Schouler, B. (1984) e (2005).

¹⁰ Hom., *Il.* 23.83-92, 123-126, 243-248; *Od.* 24.71-84.

No par. 6 nomeia finalmente o homem que matou Pátroclo, a quem decidiu defrontar até à morte. E promete arrastar os seus despojos em redor da campã do companheiro.

No par. 7 debate-se com a necessidade de encontrar armas. Pergunta-se mesmo se roubará as de Ájax. Não será, porém, esta a decisão a tomar. Com efeito, pedirá (8) ajuda à divina mãe para lhe obter as armas.

Há testemunho de um discurso de etopeia que dá de Aquiles um ἥθος oposto à imagem do herói. O nome “Empório” aparece pelo fim do séc. VIII num códice, o *Par. Lat.* 7530, associado a quatro interessantes capítulos sobre retórica (f. 251v2–258r29). Um deles, é sobre a etopeia¹¹. A secção do códice que lhe é dedicada está toda redigida em latim e foi editada na edição dos *Rhetores Latini Minores* Halm (1863, p. 562.10-34). Lêem-se três exemplos de *pathopoiia* (ficção de um discurso com emoções não naturais, mas incidentais) num dos quais se refere Aquiles (p. 562.17-18) subjugado pelo rio Escamandro: *uel cum apud Homerum Achilles sempre minax circumuentum se a flumine gemit* “ou quando, no passo de Homero, Aquiles, sempre feroz, geme, vendo-se rodeado pelo rio”. O seu temperamento natural é subvertido por um sentimento de fragilidade perante o poder do rio, que o conduz à lamúria. O tema tem como fonte a luta de Aquiles contra as águas impetuosas do rio em *Il.* 21.270-283.

A referência de Empório é paralela à referência à etopeia de Aquiles no comentário de Proclo ao *Timeu* 19 d-e 65.28-66.5 Diehl, um texto não-retórico. Ambos, ao contrário dos retores que referimos, com a excepção de Élio Téon, expõem a necessidade de adequar as palavras à natureza da personagem – ao *adfectus naturalis* / *ingeneratus* ou *mos ingenuus* (Halm, 1863, p. 562.21,23 cf. em Proclo, τὸ τοῦ λέγοντος ἥθος / τὰς ἑνδὸν διαθέσεις).

O melhor, porém, é lermos a fonte, o belo exemplar de etopeia do passo homérico¹²:

¹¹ Tem-se discutido a identidade deste Empório, tendo sido proposto que se trataria de mais do que um autor, um deles grego, autor de um tratado de *progymnasmata*, sendo os restantes três provavelmente latinos e posteriores. o segundo teria sido o tradutor latino do original grego. Cf. Luigi Pirovano, 2020, pp. 170-178.

¹² Reproduz-se a tradução de Frederico Lourenço (2019).

270	ποταμὸς δ' ὑπὸ γούνατ' ἐδάμνα λάβρος ὑπαιθα ῥέων, κονίην δ' ὑπέρεπε ποδοῖν. Πηλείδης δ' ὄμωξεν ἰδὼν εἰς οὐρανὸν εὐρύν· Ζεῦ πάτερ ὥς οὐ τίς με θεῶν ἐλεινὸν ὑπέστη ἐκ ποταμοῖο σαῶσαι· ἔπειτα δὲ καὶ τι πάθοιμι.	o rio cansava-lhe os joelhos, fluindo com violência por baixo, tirando- -lhe a terra debaixo dos pés. O Pelida gemeu e olhou para o vasto céu: “Zeus pai, como é que nenhum dos deu- ses me ajuda nesta miséria e me salva do rio? Que eu sofra depois o que tiver de sofrer. Para mim nenhum outro dos deuses
275	ἄλλος δ' οὐ τίς μοι τόσον αἴτιος Οὐρανόων, ἀλλὰ φίλη μήτηρ, ἣ με ψεύδεσσιν ἔθελγεν· ἦ μ' ἔφατο Τρώων ὑπὸ τείχεϊ θωρηκτῶν λαιψηροῖς ὀλέεσθαι Ἀπόλλωνος βελέεσσιν. ὥς μ' ὄφελ' Ἑκτώρ κτεῖναι ὅς ἐνθάδε γ' ἔτραφ' ἄριστος	celestiais é tão culpado como minha mãe amada, que me enfeiti- çou com mentiras. Ela que me disse que sob a muralha dos Troianos couraçados eu haveria de morrer por causadas rápi- das flechas de Apolo. Oxalá tivesse sido Heitor a matar-me, o melhor dos homens de lá:
280	τὼ κ' ἀγαθὸς μὲν ἔπεφν', ἀγαθὸν δέ κεν ἐξενάριξε· νῦν δέ με λευγαλέω θανάτῳ εἴμαρτο ἁλῶναι ἐρχθέντ' ἐν μεγάλῳ ποταμῷ ὥς παῖδα συφορβόν, ὄν ῥά τ' ἔναυλος ἀποέρση χειμῶνι περῶντα.	valor teria tido quem matara, valor teria tido quem fora morto. Mas agora por uma morte miserável foi decidido que eu fosse apanhado no grande rio, como um rapa- zinho tratador de porcos a quem arrasta a torrente invernosa que tentou atravessar.

Para dizê-lo em termos de uma análise psicológica mais actual, dir-se-ia que Aquiles aparece aqui como humano, feito de coragem, mas também com medos – como é próprio do humano, com temperamento instável e padecendo de uma certa bipolaridade. Ora é dado ao furor e ferocidade do guerreiro intrépido com convicção de invencibilidade, ora à *ira*, à depressão e ao desespero, que o conduzem à impotência e a gemidos de queixume (ὄμωξεν). A queixa ou, caso se prefira, o humano desabafo, tem como destinatário Zeus. Quem são os alvos do gemido, os quais acusa de mentira e traição? Verosimilmente, a divindade e, sobre todos, a mãe! Eis os culpados por o fero Aquiles se ver naquela situação, tão inusitada quanto indigna do herói. Lembremos a depressão, autocomiseração e prostração do profeta Elias, no I livro de *Reis*, 19:4 sqq., e o lamento que dirige a Deus ao fugir da ameaça de morte proferida por Jezabel, rainha de Israel. Após a sua retumbante vitória e morticínio dos quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, protegidos da rainha, assim reagiu Elias face à desta, que deste modo procurou vingança. Em ambos os trechos narrativos, as personalidades são complexas, densas e inconsistentes. E não apenas isto: os escritores bebem da vida o motivo, pois constroem as cenas com a argamassa da verosimilhança. Com efeito, quem, em momentos de exacerbado desespero, não experimenta uma subversão das paixões e não invoca a divindade por socorro?

Como quer que seja, esta etopeia de Aquiles envereda por um exercício de desconstrução do mito do herói. Voltar-se-á à desmitificação de Aquiles, a propósito dos demais exercícios.

Enkomion / psogos

Sendo o Pelida personagem cuja memória tem concitado a admiração ao longo das eras em grande medida pelo heroísmo guerreiro, não seria possível deixar de ser motivo para o *progymnasma* do encómio¹³. Libânio dedica-lhe o Encómio 3¹⁴.

Por limitações de espaço e pela extensão do Encómio 3 de Libânio, delimitarei o escopo do presente estudo aos *topoi* do nascimento, educação, a excertos do tratamento do *topos* dos actos e ao da morte.

Tradicionalmente, os primeiros *topoi* encomásticos são os das origens - do nascimento, estirpe, família, cidade (*γένος, εὐγένεια, ἔθνος*).

Os segundos¹⁵ são os da educação e formação (*τροφή, ἀνατροφή, παιδεία, ἀγωγή*) que a personagem tem. Pseudo-Hermógenes VII 5.6-7 refere a educação de Aquiles pelo centauro Quíron, aludida em *Il.* 11.832¹⁶. Em 3.3, Libânio escreve como o centauro Quíron encheu a alma de Aquiles com todo o tipo de educação: música, com a qual seria capaz de dominar a ira (*θυμός*), e medicina, útil para apartar as doenças.

Outro tópico, o principal, segundo Pseudo-Hermógenes (VII 7.3-5) e Aftónio (VIII 3.7), é o da narração dos feitos da personagem. No Encómio de Libânio, os actos de Aquiles, de cuja análise o orador extrai traços do perfil psicológico da personagem (as suas virtudes e motivações), ocupam os parágrafos 5-21. Colhamos algumas notas: em Encómio 3.7 fala sobre as razões que levaram Aquiles a pegar em armas:

ἀλλ' ἐκεῖσε ἐπάνειμι, ὅτι τοῖς μὲν ἄλλοις οὐδὲ βουλομένοις ἐνῆν μὴ στρατεύειν, ἐνεβίβαζον γὰρ αὐτοὺς εἰς τὰς ναῦς ὄρκοι καὶ σπονδαί, Ἀχιλλεὺς δὲ ὄρκος μὲν οὐδεὶς, ὁ δὲ τῆς δόξης ἔρως ὥπλιζε

mas voltarei ao ponto precedente: aos outros não era possível não ir combater, mesmo que fosse a sua vontade, pois os juramentos e os pactos levaram-nos a embarcar nos navios; quanto a Aquiles, não foi nenhum juramento, mas o amor da glória que o impeliu a pegar em armas.

¹³ Sobre o mesmo tema, escreveu João de Sardes, nos seus escólios aos *Progymnasmata* de Aftónio (Rabe, 1928, 127.16-19).

¹⁴ As suas fontes, além da *Iliada*, são a *Biblioteca* e *Epítome* de Apolodoro (considerado não o Apolodoro de Atenas, do séc. II a.C., mas um Pseudo-Apolodoro, do séc. II d.C.). Dois códices da *Biblioteca* contêm resumos do texto, que o editor da Loeb Classical Library (Frazer, 1913) editou como *Epítome*.

¹⁵ Cf. Laurent Pernot, 1993, pp. 154-156 e 161-163.

¹⁶ Cf. Aftónio VIII 3.2-6. Não nos prenderemos com as divisões e terminologias diversas propostas pelos retores gregos para estes e para os demais tópicos do encómio. Basta para o escopo do presente trabalho fornecer um conspecto e remeter directamente para os tratadistas, para visões mais clarificadoras do modo como cada um tratou e dividiu cada um deles. Ver ainda Hermog. *Estados de causai*. II 8. A consulta da obra de Pernot providenciará maiores esclarecimentos.

Este comentário põe na balança dois valores louváveis: a lealdade a juramentos e às alianças e o amor pela glória até ao sacrifício. E dá implicitamente, através da acção do Pelida, preeminência do segundo sobre o primeiro. Nisto se destacava dos demais.

Continuemos: em *Enc.* 3.11, assinala que Aquiles não era movido pelo amor do dinheiro (οὐ χρημάτων ἕρως), pois correu riscos de vida, para deixar aos Gregos o prémio dos despojos (*Il.* 9.328–335).

Quando a peste assolava os Aqueus, o culpado nada fez, nem Nestor, nem Ulisseus. Somente Aquiles se levantou em assembleia, encorajou o profeta e prometeu-lhe ajuda; e não sossegou até achar remédio para o mal (*Il.* 1.53–91)¹⁷. Abdicou de lutar por Briseida, sem por isto suscitar conflito contra Agamémnon, o que revelou bom senso (ἐπιείκεια), mas retirou-se da aliança acaica e da guerra por não ter suportado ser descortesmente insultado. Deste modo, mostrou não tolerar a grosseira ofensa e deu uma lição: tal é o carácter daquele que a arrogância do rei ofendeu.

Em *Enc.* 3.19 lê-se que é dotado de sentimentos de amizade e fidelidade pelo companheiro (φιλέταιρος), a ponto de, ao ser informado da morte deste, quase ter cometido suicídio. Mas, foi dissuadido por Antíloco (*Il.* 18. 32–34) e voltou ao combate. Desejava partilhar da mesma morte do amigo, mas apenas após Heitor cair (*Il.* 18. 120–121). Estava altamente motivado para punir o assassino de Pátroclo como o merecia, pois para o herói (*Enc.* 3.19) “fazê-lo era mais digno do que a sua própria cabeça”. Κεφαλή “cabeça” é metonímia que substitui a noção de morte violenta, mais propriamente por degola.

συμπεσεῖν ἐπιθυμῶν τῷ Πατρόκλου σφαγεῖ καὶ ταῦτα εἰδὼς ὡς κοινὸν αὐτοῦ κάκεινον κατεψηφίζετο θάνατον (...) ὁ δὲ τὴν τιμωρίαν τοῦ τὸν ἐταῖρον ἀποκτείναντος τιμωτέραν ἐποιήσατο τῆς ἐαυτοῦ κεφαλῆς
desejando cair com o algoz de Pátroclo, sabedor de que estava a condenar-se a si próprio a uma sentença de morte comum à do companheiro. (...) considerou a punição do seu assassino mais digna do que a sua própria cabeça (cf. *Il.* 18.88–93).

Analisemos seguidamente como foi tratado o tópico da morte. Nas batalhas da guerra troiana, muitos gregos foram feridos (*Enc.* 3.22) por bárbaros, tendo estes, graças a isto, granjeado fama. A morte de Aquiles deveu-se à acção de um deus, Febo Apolo (*Il.* 22.359–360)¹⁸. Esta morte não traz glória a homem algum – escreve Libânio:

Ἀχιλλεὺς δὲ ἀποθνήσκων οὐδενὶ ἀνθρώπων περιέθηκε δόξαν. τόξων δὲ Ἀπόλλωνος ἡττηθῆναι καὶ κόσμος τῷ πεπονθότι καὶ τὸ κάλλιστον. τῷ πολέμῳ γὰρ τεθνεὼς περιέθηκε δόξαν.
Ora, a morte de Aquiles não trouxe glória a homem algum. Mas ser atingido pelas setas de Apolo é tanto um ornamento para quem o sofreu como o mais belo fim¹⁹.
Com efeito, ao morrer, trouxe glória à guerra.

¹⁷ *Enc.* 1.6, 2.6, 4.6; *Cens.* 1.8; *Comparação* 1.7, 2.6–7.

¹⁸ Cf. referência em *Ps.-Herm.* VII 9.5.

¹⁹ *Apolodoro, Epit.* 5.3; *Censura* 1.23; *Comparação* 1.16, 2.13.

E conclui que Ílion só foi capturada graças ao concurso da casa de Aquiles, pois morto o pai, foi o filho, Neoptólemo, quem concluiu a obra²⁰.

Psogos

Sendo possível argumentar em dois sentidos, o encómio tinha o seu reverso no discurso de ψόγος (censura). Assim, se havia elementos para elogiar Aquiles, também os mestres retores encontrariam motivos bastantes para o criticar. Esta caracterização da personagem pelos seus actos, diametralmente oposta à do Encómio, condiz mais com o tema da proposição da *Ilíada* e deste congresso, a cólera de Aquiles, “que trouxe aos Aqueus uma miríade de dores” (*Il.* 1.2.).

No proémio da Censura 1, o retor expõe a sua tese: tendo dado conta da prevalência de uma opinião comum que tem Aquiles como digno de admiração, propõe:

γενώμεθα τῆς ἀληθείας μᾶλλον ἢ τῶν εἰκῇ δοκούντων καὶ φανήτω διὰ τῶν λόγων οἷος ἔστιν, οὐχ οἷος ὑπείληπται.

posicionemo-nos mais do lado da verdade do que no das vãs aparências e que seja mostrado por meio de argumentos que tipo de homem é, não aquilo por quem ele se toma.

Quanto ao nascimento e estirpe, o retor (Cens. 1.2) não pretende mostrar que os maiores de Aquiles (Peleu, o pai, e Éaco, o avô) eram desprovidos de virtudes; antes pelo contrário, foi o descendente que degenerou:

Βλέπων εἰς πατέρων ἀρετὰς ἐπὶ τὴν κακίαν ὥρμησε καὶ καλῶν αὐτῷ παραδειγμάτων ἐστηκότων οὐκ ἠβουλήθη μιμήσασθαι. τῷ μὲν γὰρ ἐκ φαύλων, εἰ μὴ ποιοῖτο λόγον τοῦ κρείττονος, ἐνὶ συγγνώμῃ· τῷ δ' οὐ παρέχοντι τῶν προγόνων ἄξιον ἑαυτὸν οὐκ ἔστι παραίτησις, ἀλλὰ τοσοῦτω μειζόνως μισεῖται, ὅσῳ τοὺς προγόνους ἀρνεῖται τῷ τρόπῳ. Ao olhar para as virtudes dos seus maiores, lançou-se à maldade e não quis imitar os bons exemplos que tinha à disposição. Com efeito, para um homem de baixas origens, se não tiver em conta as coisas mais elevadas, existe perdão; mas para um homem que não se mostrou digno dos seus antepassados, não há desculpa, mas, tanto mais motivo de ódio ele é quanto mais negar os antepassados pela sua conduta.

A sua acção, narrada em *Il.* 1. 53–91 e objecto de elogio no passo já analisado Encómio 3.12, são aqui entendidos de outro modo (Cens. 1.8):

τὴν ἑαυτοῦ τάξιν ὑπερβάς ἐπειρᾶτο τὸν Ἀγαμέμνονα τῆς ἀρχῆς ἐκβαλεῖν καὶ συνῆγεν ἐκκλησίαν ἄκυρος ὢν τοῦ παντός καὶ τοὺς ιδιώτας ἐπειθεν ἀναισχυρεῖν πρὸς τὸν ἄρχοντα τὴν ἑαυτοῦ ῥοπήν ὑπισχνόμενος. ultrapassando a sua posição hierárquica, tentou expulsar Agamémnon do comando, convocou uma assembleia, sem qualquer autoridade, e tentou persuadir os soldados comuns a comportarem-se de forma vergonhosa em relação ao seu comandante, prometendo a sua ajuda.

²⁰ Apolodoro, *Epit.* 5.11; Enc. 2.4; Censura 1.23.

O desequilíbrio emocional de Aquiles chega ao ponto de levantar a espada e atacar Agamémnon (9). O desfecho de tal acto só não foi fatal por o intento do Pelida haver sido travado por uma deusa, Atena (*Il.* 1.188–222).

É propositadamente omitida a ascendência divina de Aquiles, um tópico de elevada importância no Encómio. Refere-se tão-somente a ascendência humana, por Peleu, o pai, e Éaco, o avô. Dá-se aqui do Pelida uma imagem oposta à que apreciámos no encómio: a de um homem tomado de ὕβρις e responsável por actos repreensíveis²¹.

Apontou-se acima, a propósito do encómio, a importância do tópico da morte da pessoa. Libânio trata do tema nos parágrafos finais (Cens. 1.22–23), que constituem, enquanto parte do discurso, o epílogo. No parágrafo 23, prossegue:

οὗτος ἔστιν ὃν ἐποίει προδότην τῶν ὁμοφύλων τῆς Πολυξένης τὸ κάλλος. ὥς γὰρ εἶδεν αὐτήν, καὶ ἐθαύμασε καὶ τῶν πολεμίων ἦν καὶ ὥς μὲν δοῦλος ἀφροδισίων ἐμνήστευεν, ὥς δὲ ἡλίθιος τοῖς ἐχθροῖς ἐπίστευε καὶ τῇ τῆς πίστεως ἐλπίδι δελεασθεὶς ἐν χερσὶ τῶν δυσμενῶν ἦν καὶ ἀπεσφάττετο παῖδα καταλιπὼν τῆς μανίας κληρονόμον τὸν Νεοπτόλεμον, ἢ χρώμενος ἐν Δελφοῖς περὶ τὸν νεὼν ἀπεσφάττετο

Este é o homem que a beleza de Políxena converteu em traidor dos seus compatriotas²². Pois, quando a viu, admirou-a e ficou sob o poder do inimigo e, como um escravo de desejos sexuais, cortejou-a, mas, como um louco, acreditou nos inimigos e, seduzido pela expectativa da boa-fé, viu-se nas mãos dos inimigos e foi morto²³, deixando o filho, Neoptólemo, como herdeiro da sua insânia, o qual, entregue a ela, foi morto em Delfos à volta do templo²⁴.

A sua morte, porém, não encerrou o ciclo dos males, pois deixou à descendência uma herança trágica.

Já a Censura 7 tem como tema a ira (ὀργή), um *pathos*, não uma personagem. No proémio (1) o “eu oratório” confessa ter já sido amiúde tomado de ira; tendo aprendido a controlá-la, declara ser um assunto sobre o qual é impossível falar tudo quanto é necessário e que é bom não deixar de falar dele tanto quanto se possa. No parágrafo 2 (prova), declara que a ira não tem origem divina, nem é parte do estilo de vida dos deuses, e aconselha os leitores a acautelarem-se de qualquer palavra em sentido contrário escrita pelos poetas. Sustenta esta tese recorrendo a um silogismo epiquiremático:

Tese	μὴ νομίζωμεν αὐτήν ἐν οὐρανῷ τε καὶ τῇ τῶν θεῶν εἶναι διαίτη não consideremos que ela exista no céu nem que faça parte do modo de vida dos deuses
------	--

²¹ *Il.* 1.90–91, 122–123, 148–171, 122–123, 148–171, 188–222, 223–244, 292–303, 1.407–412; 9.185–191.

²² Comparação 1.14 Aquiles e Diomedes

²³ Sobre o episódio, ver Apolodoro, *Epit.* 5.3 com Frazer, *Library by Apollodorus*, 2:215 n. 1; Enc. 3.22; Comparação 1.16, 2.13. A *causa mortis*, tanto do pai como do filho, é dita literalmente como *ser degolado* (ἀποσφάζομαι). O verbo, porém, deve ser entendido metonimicamente e em maior amplitude semântica como *ser assassinado*

²⁴ Apolodoro, *Epit.* 6.14; Narração 14; Enc. 2.4, 3.22

Premissa maior	εἰ γὰρ εὐδαιμόνες μὲν οἱ θεοί, Se pois os deus são felizes
Confirmação 1 da premissa maior: autoridade da opinião corrente	καὶ τοῦτο ἀνωμολόγηται e isto é objecto de concordância
Confirmação 2 da premissa maior: argumento pelo contrário	στασιάζειν δὲ ὁμοῦ καὶ εὐδαιμονεῖν οὐκ ἔστι e sendo impossível que coexistam contenda e felicidade
Premissa menor (tirada da confirmação 2)	αἱ δὲ ὀργαὶ στάσεις ποιοῦσι e se as iras produzem contendas
Conclusão (recapitula a tese em pergunta retórica)	πῶς οὐκ ἀνάγκη τὰ πράγματα τῶν θεῶν καθαρεύειν ὀργῆς; como não será imperioso que os assuntos dos deuses sejam isentos de ira?

A referência a Aquiles vem no epílogo (33), no meio de uma série de exemplos de personagens a cuja fama está indelevelmente associada a ira²⁵. A refutação da origem divina da ira, a que subjaz o carácter e estado de felicidade dos deuses (εὐδαιμονία) é uma forma clara e óbvia de desconstruir o mito do “divino Aquiles” (δῖος Ἀχιλλεύς), segundo a titulatura homérica. O Pelida é um mero homem, e não dos mais recomendáveis.

τὴν Ἀχιλλέως ὀργήν, ὑπὲρ ἧς ἡ Ἰλιάς, οὐδεὶς ὅστις οὐκ οἶδεν ἀνθρώπων, ἐφ’ ἣ τὸν Ἀχιλλέα καταδύμενον ὀρώμεν καὶ τῇ ἐρωμένη καταρώμενον ὥς τῆς ἀφορμῆς τῶν κακῶν ἐκεῖθεν ἡκούσης.

Quanto à ira de Aquiles, que é o tema da *Iliada*, não há ninguém que dela não seja conhecedor; a ela vemos Aquiles subjugado e amaldiçoando a sua amada por o início dos seus males ter provindo daí

Uma nota final para algo que certamente já captou atenção: os termos para *ira* ou *fúria* são diferentes, em Libânio ὀργή, em Homero μῆνις.

Synkrisis

Lembra Gibson (2008) que o exercício da comparação segue naturalmente o do encómio e da censura, por revestir a forma de um duplo encómio, dupla censura ou uma combinação de ambos (Aftónio, X 1.5-7 Patillon, 2008; Nicolau, Felten, 1913, p. 59). Esta relação próxima entre os dois exercícios é tal que se pode elaborar uma comparação sobre os mesmos assuntos do encómio e da censura: Élio Téon (Patillon, 1997, 112, 113–114, pp. 78-79); Ps.-Herm. VIII 1,5-8; Aftónio

²⁵ Medeia, Procne, os Tebanos, ao recusarem sepultura aos Argivos caídos na Cadmeia (cf. Narracão 10 sobre Adrasteia; veja-se Êsquilo, *Sete contra Tebas*, 1011-1047), Tideu, Cambises, Atenas e Alexandre.

X 2 (Patillon, 2008). Como observa ainda Gibson, partilham os mesmos tópicos de argumentação e pela mesma ordem (Ps.-Herm. Patillon, 2008, VIII 2-4; Nicolau, 61-62; Aftónio X 2 (Patillon, 2008).

Élio Téon (Patillon, 1997, 112.30-113.2 p. 78) aconselha que não haja grande diferença entre os elementos a comparar, dando o exemplo de Aquiles e Tersites: é ridículo questionar qual dos dois é mais corajoso. Com efeito, como observa Patillon (1997, p. 174, nota 387, citando *Il.* 2.258-249 e 265-269), Tersites era conhecido pela sua abjeção e fraqueza. Já Nicolau de Mira (Felten, 1913, p. 60) entende que os objectos de comparação podem ser iguais ou um maior do que o outro. Libânio, porém, diverge, como nota Gibson (2008 p. 321). Aftónio concebe a comparação como uma oposição que faz pender o “mais” para o lado do comparado (*συνάγων τῷ παραβαλλομένῳ τὸ μείζον*), no bem ou no mal (Patillon, 2008, p. 238 nota 207). A definição estaria desconforme ao tratamento igual entre comparado e comparante, como no exemplo de exercício que propõe, precisamente, entre Aquiles e o seu óbvio émulo dárdano, Heitor (Patillon, 2008, X 4-8). A qualidade a comparar é a bravura guerreira (exórdio X 4.1-4: Ἀρετὴν ἀρετῇ συγκρίναι ζητῶν ἀντεξετάζω τὸν Πηλέως πρὸς Ἑκτορα. Não obstante, como interpreta Patillon (2008, p. 142 nota 214), no exórdio e na peroração, a argumentação parece denotar um preconceito favorável ao comparante, Aquiles, a despeito de o retor escrever que são comparáveis em igualdade. Tal preconceito seria notório em formulações como “Heitor não é inferior a Aquiles” (X 5.5-6 τοσοῦτον Ἑκτωρ Ἀχιλλέως οὐκ ἀπολείπεται), “Heitor é comparável a Aquiles (X 7.13-14 Ἑκτωρ Ἀχιλλεῖ παραπλήσιος. O exercício aftoniano é exemplar, ao passar a argumentação pelos vários tópicos clássicos: naturalidade, ancestralidade remota (ambos descendentes de Zeus, por vidas diversas) e mais próxima (os pais), a educação, os feitos, a morte (por obra de deuses). Comenta Aftónio (X 7.10-14) que os heróis, devendo a sua génese a deuses e igualmente a deuses a morte devendo, são comparáveis.

Já Libânio admite claramente a desigualdade dos objectos de comparação. O filho de Tétis é tema de comparação em dois discursos: Comparação 1 Aquiles e Diomedes; Comparação 2 Aquiles e Ájax. Nos proémios de ambos, o retor enuncia com clareza que a comparação será sobre a coragem dos heróis e que Aquiles não pede meças aos seus émulos. Na Comp. 1.1 lê-se:

Οὐ τὸ τῶν πολλῶν πείσομαι πάθος οὐδ’ ἡγήσομαι τὸν Ἀχιλλέα βελτίω τοῦ Διομήδους, ἀλλὰ τοῦναντίον ἐκείνον Ἀχιλλέως, εἰ καὶ μὴ διὰ πάντων, ἀλλ’ ἐν γε τοῖς πλείοσιν.

Não sofrerei o que muitos sofreram, nem reputarei Aquiles melhor do que Diomedes, antes pelo contrário, afirmo que este é melhor do que Aquiles, se não em tudo, pelo menos na maioria das coisas.

Na Comp. 2.1, entre Aquiles e Ájax, escreve:

Ἀλλ’ εἰ καὶ παράδοξον ἐνίοις φανεῖται τὸ πανταχοῦ δεύτερον παρ’ ἐμοὶ κεκρίσθαι τὸν Ἀχιλλέα τῆς Αἴαντος ἀρετῆς, ὅμως οὐκ ὀκνήσω δεῖξαι τοῦθ’ οὕτως ἔχον πρὸ τῆς φήμης τὴν ἀλήθειαν ποιούμενος.

Mas, mesmo que a alguns pareça paradoxal o facto de a meu ver em tudo Aquiles figurar atrás de Ájax em coragem, no entanto não hesitarei em mostrar que assim é, reputando que a verdade é mais importante do que a fama.

Por limites de espaço, centremos a análise tão-somente na Comp. 1. Assim, depois de no próêmio propor a tese da superioridade de Diomedes, passa à comparação propriamente dita, tópico a tópico. Principia pelo da ascendência. Ambos são de cepa divina: se a de Aquiles remonta a Zeus, Diomedes descende igualmente de um deus (2). Libânio não esclarece explicitamente: esse deus é Ares, pelo avô Eneu, observa Gibson em nota (2008, p. 323, nota 3)²⁶. No parágrafo 3, assume como dado adquirido a igualdade da educação – porquanto ambos, explica Gibson, 2008, p. 323, nota 4, terão sido alunos do centauro Quíron (como de resto todos os heróis cf. Enc. 1.4 e 2.3: οὗτος γὰρ ὁ Κένταυρος εἰς πάντας μὲν ἥρωας ἀπέθετο τὰ παιδεύματα²⁷). E propõe-se julgar os dois homens com base nas gestas de cada um. Em Comp. 1.4, refere o orador, quando a Guerra de Tróia convocava à participação os melhores homens, Aquiles, embora se vangloriasse de ter prazer nas armas e na glória de seu pai, foge para os aposentos das raparigas, preferindo ser visto como uma delas a entrar na peleja²⁸. Face à mesma circunstância, a atitude de Diomedes não podia ser mais contrastante (5):

Διομήδης δὲ οὐ μόνον αὐτὸς ὑπήκουε τῷ καιρῷ, ἀλλὰ καὶ τοὺς ἀργῶς διακειμένους ἐκίνει καὶ πρῶτον τοῦτον αὐτὸν παρὰ τοῦ Χείρωνος ἐπὶ τὰς παρθένους δραμόντα. πῶς οὖν τοῦ πρὸς τὸν πόλεμον ἔλκοντος ὁ τοῦτο πάσχων ἀνδρειότερος ἂν εἴη;

Mas Diomedes, não somente respondeu ele próprio à circunstância, como também despertou para a acção aqueles que se haviam dado à preguiça, o primeiro dos quais aquele mesmo que fugira de Quíron para o meio das raparigas. Pois, como poderia aquele que isto sofre ser mais varonil do que aquele que o arrasta para a guerra?

Já na guerra, tomado o inimigo de terror, a glória dos feitos de Aquiles aumentou para Diomedes, por ter sido este o responsável da ida de Aquiles para a guerra (6). De seguida, lembra-se a loucura de Aquiles, quando se levantou na assembleia e se insurgiu contra Agamémnon, ameaçando-o com a espada desembainhada, pelo amor de uma cativa (7). Entretanto, Diomedes não se deixou levar pelo vil prazer nem pela ira imoderada, mas deu-se realmente à luta. Libânio lembra a este propósito que o herói chegou a ferir Ares e Afrodite (*Il.* 5.330–340, 846–859). No parágrafo 9, coloca uma primeira questão – a questão central, dir-se-ia: em que medida pode ser considerado melhor do que Diomedes. A resposta é dada por uma série de três perguntas retóricas, nas quais expõe as atitudes antitéticas de um e de outro: a ociosidade de um face à prontidão do outro; a cedência à ira de um face à diligência do outro em perseguir o inimigo; ou que um cantava e tocava a lira, enquanto o outro provocava lágrimas no inimigo. Os feitos de Diomedes (10) são mais dignos de menção pelas adversas circunstâncias em que os cometeu, quando os deuses mudaram de partido a favor dos Troianos. Aduz

²⁶ Cf. Antonino Liberal, *Metamorfoses*, 2.1. e o Enc. 1 de Libânio a Diomedes.

²⁷ Cf. Xenofonte, *Cinegético* (*Tratado da caça*) 1.2. Ilustre, aliás, segundo a fonte de Xenofonte, terá sido o escol de alunos de Quíron. Além de Diomedes e Aquiles, Céfalos, Asclépio, Milânion, Messtor, Anfiarau, Peleu, Télamon, Meléagro, Teseu, Menesteu, Ulisses, Castor, Polideuces, Macáon, Podalírio, Antíloco, Eneias.

²⁸ A fonte deste episódio é Apolodoro, *Biblioteca*, 3.13.6; 3.13.6. Cf. também Enc. 3.2 sobre Aquiles.

Libânio a razão de que não é em tempos de sucesso, mas nos maus momentos, que se vêem os homens capazes de se medirem contra os outros e deles se distinguirem (ἐν δὲ ταύταις τοῖς τῶν ἄλλων διαφέροντας ἀντέχοντας). Por isso (11), tinha Diomedes a autoridade de repreender os embaixadores enviados a Aquiles por Agamémnon – cujo nome não é mencionado por Libânio, mas que o leitor conhecedor facilmente deduz tratar-se do comandante-em-chefe dos Aqueus, cf. *Il.* 9.969-700 – pelo insucesso da sua missão. Diomedes ainda restaurou o ânimo dos Gregos, causando devastação entre os inimigos (*Il.* 10.405-497). Os próprios Troianos são os melhores juizes do valor dos dois homens²⁹: οὐδ’ Ἀχιλλέα ποτὲ οὕτως ἐδείσαμεν (“Nunca tememos tanto Aquiles”, citação com alguma liberdade de *Il.* 6.99 οὐδ’ Ἀχιλλῆα ποθ’ ὥδέ γ’ ἐδείδιμεν). O verdadeiro perigo é representado pelo Tidida, não pelo Pelida (12).

De seguida, aborda-se o duelo mortal entre Aquiles e Heitor (13). A gesta, efectivamente, é de quem o cometeu, mas a glória deve ser de quem proporcionou a este os meios para a vitória (εἴ τις προσθεῖη τῆς νίκης τὸν τρόπον, ἐτέρου μὲν φανέται τὸ ἔργον, ἐτέρου δὲ ἡ δόξα.). Libânio desvaloriza o feito de Aquiles, pois já antes Ájax lançara por terra o herói troiano em combate singular (*Iliada* 7.268-272; 14.409-420)³⁰, o próprio Diomedes, acrescenta, teria sido capaz de o fazer, se lhe tivesse calhado em sorte o duelo com o Troiano, quando os Aqueus lançaram sortes e oraram aos deuses para que lhes aproovesse designá-lo para essa missão (*Il.* 7.175-180). Com efeito, na oração dirigida a Zeus, o preferido era Ájax, ou alternativamente Diomedes, o filho de Tideu, ou Menelau. Aquiles não é sequer mencionado. Foi na sequência desta eleição que se deu a peleja entre Ájax e Heitor.

De seguida, o retor evoca contra Aquiles o episódio da sua pulsão sexual por Políxena (14), recordado também na Censura 1.23, com a consequente traição aos seus. Diomedes não se entregou a tais desejos, antes guardou até ao fim a sua benévola disposição (μέχρι τοῦ τέλους τηρῶν τὴν τάξιν τῆς εὐνοίας), prosseguindo o combate, já no interior de Tróia. E desproveu a cidade do seu único meio de defesa³¹. Se toda a guerra se constituísse para o saque da cidade, graças à coragem de Diomedes, não serão pequenos os feitos de armas dos outros em comparação aos deste (15)?

O último *topos* é o da morte (16). Nem nos momentos derradeiros a desigualdade entre estes homens haveria de ser significativa. Aquiles sucumbiu a uma flecha desferida pelo maior dos cobardes, Páris³², uma morte que é a antítese do ideal heróico. Diomedes, por seu turno, cercou Tróia, com glória navegou de

²⁹ As palavras são de discurso de Heleno, filho de Príamo.

³⁰ Cf. ainda Censura 2.13 e Comparação 2.11, entre Ájax e Aquiles.

³¹ Cf. Apolodoro, *Epit.* 5.3; Ovídio, *Metam.* 12.598-611; Encómio 3.22; Censura 1.13 e Comparação 2.13.

³² Cf. Apolodoro, *Epit.* 5.3; Ovídio, *Metam.* 12.598-611; Enc. 3.22; Cens. 1.23; Comp. 2.13.

regresso a casa e permaneceu activo, fundando uma cidade³³ e desfrutando da imortalidade que seu pai por pouco não obteve.

Conclusão

Para os exercícios de declamação de escola recorria-se com frequência a temas fornecidos por narrativas míticas e os heróis. Aquiles foi um deles. Do rei dos Mirmidões perduram memórias e imagens ambivalentes. O Pelida, por assim dizer, é um oximoro humano. Pode aplicar-se-lhe a frase de Fernando Pessoa, um “drama em gente”, no sentido em que na complexidade da sua personalidade se intrincam paixões inconstantes, desmedidas e conflitantes, da intrepidez à cobardia, entremeadas de ira e da pulsão de uma exacerbada libido.

Cabia a cada mestre e estudante de retórica tomar como matéria-prima para discurso aquela que reputasse mais conveniente ao propósito da sua tese, quer fosse para o elogiar ou o criticar. Libânio, como mestre de Sofística, ensinava os seus discípulos a argumentar em ambos os sentidos, ora no do enaltecimento, ora no da invectiva. Nos discursos de comparação, testados por Libânio todos os tópicos de argumentação, Aquiles perde sempre em comparação com os seus émulo. Há elementos fundadores das críticas ao Pelida retomados da Censura 1, como o da tumultuosa assembleia dos Aqueus (Cens. 1:9) e da atracção por Políxena e suas trágicas consequências (Cens. 1:23).

Herói, modelo de ἀρετή, ou anti-herói, exemplo de ὕβρις, o “divino Aquiles” da fórmula homéricav é um homem, e um homem que se movia desequilibradamente no fio da navalha das paixões.

Referências bibliográficas

- Anderson, G. (1993). *The Second Sophistic: A Cultural Phenomenon in the Roman Empire*. London: Routledge.
- Chew, K., J. R. Morgan, S. M. Trzaskoma (eds.). 2018. *Literary Currents and Romantic Forms: Essays in Memory of Bryan Reardon* (Ancient Narrative Supplements 26). Groningen: Barkhuis & Groningen University Library.
- Clark, D. L. (1957). *Rhetoric in Graeco-Roman Education*. New York: Columbia University Press.
- Duarte, R. M. (2006). *Comentários ao tratado sobre os Estados de causade Hermógenes de Tarso por autor anónimo* (tese de Doutoramento, Aveiro: Universidade de Aveiro).
- Fernández Delgado, J. A., F. Pordomingo Pardo, A. Stramaglia (eds.). (2007). *Escuela y literatura en Grecia antigua: actas del simposio internacional, Universidad de Salamanca, 17- 19 noviembre de 2004*. Cassino: Edizioni dell'Università degli studi di Cassino.
- Fournet, J.-L. (1992). Une éthopée de Caïn dans le Codex des Visions de la Fondation Bodmer. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 92, 253-266.
- Gibson, C. A. (2008). *Libanius's Progymnasmata: Model Exercises in Greek Prose Composition and Rhetoric. Translated with an Introduction and Notes*. Atlanta, GA, EUA: Society of Biblical Literature.
- Halm, C. (1863). *Rhetores Latini Minores*. Leipzig : Teubner.

³³ Argiripa, na Apúlia (cf. Vergílio, *Aen.* 11.246, Sérvio, no seu comentário à poesia vergiliana A. 7.286 e *passim*). Ver ainda Ovídio *Metam.* 14.457-511.

- Jäkel, S. & A. Timonen (eds.) (2001). *The Language of Silence*, vol. I (*Annales Universitatis Turkuensis*, Ser. B, Tom. 208, Humaniora). Turku, Finlândia: Turun Yliopisto, 127-140.
- Júnior, M. A. (1989). Importância da cria na Cultura Helenística. *Euphrosyne*, 17, 31-62.
- Patillon, M. (1988). *La théorie du discours chez Hermogène le rhéteur. Essai sur la structure de la rhétorique ancienne*. Paris: Les Belles Lettres.
- Patillon, M. (1997). *Aélius Théon, Progynasmata*. Paris: Les Belles Lettres.
- Patillon, M. (2008). *Corpus Rhetoricum I: Anonyme, Préambule à la rhétorique; Aphthonios, Progynasmata; Pseudo-Hermogène, Progynasmata*. Paris: Les Belles Lettres.
- Patillon, M. (2009). *Corpus rhetoricum II: Hermogène, Les états de cause*. Paris: Les Belles Lettres.
- Patillon, M. (2018). *Eustathe, Explication des États de cause d'Hermogène*. Paris: Les Belles Lettres.
- Patillon, M. (2019). *Sopatros, Commentaire sur l'Art d'Hermogène*. Texte établi et traduit. Paris: Les Belles Lettres.
- Pirovano, L. (2013). Quibus uerbis uti posset: alcune considerazioni su Prisciano e la tradizione progimnasmatica latina tardoantica. *Cahiers des études anciennes*, pp. 223-240.
- Pirovano, L. (2020). Emporius, or the Anatomy of an Author. In Chiron, P. et Sans, B. (eds.), *Les Progymnasmata de l'Antiquité à nos jours. Practicing the Progymnasmata, from Ancient Times to Present Days* (pp. 170-178). Paris, France: Rue d'Ulm.
- Reardon, B. (1971). *Courants Littéraires Grecs des II et III Siècles Après J.-C.* Paris, France: Les Belles Lettres.
- Schouler, B. (1984). *La tradition hellénique chez Libanius*. 2 vols. Collection d'études anciennes. Lille, France: Atelier national reproduction des thèses, Université de Lille III.
- Schouler, B. (2005). L'éthopée chez Libanios ou l'évasion esthétique. In Amato, E. et Schamp, J. (eds.) *ῬΗΤΟΡΙΚΑ. La représentation de caractères entre fiction scolaire et réalité vivante à l'époque impériale et tardive* (pp. 79-92). Salerno: Helios.
- Ureña, J. y L. Miguélez-Cavero (eds.) (2017). *José Antonio Fernández Delgado y Francisca Pordomingo, La retórica escolar griega y su influencia literaria*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Van Mal-Maeder, D. (2020). Des Progymnasmata à la déclamation: entre hier et aujourd'hui. In Chiron, P. et Sans, B. (eds.), *Les Progymnasmata de l'Antiquité à nos jours. Practicing the Progymnasmata, from Ancient Times to Present Days* (pp. 118-131). Paris: Rue d'Ulm.
- Whitmarsh, T. (2005). *The Second Sophistic*. Oxford: Oxford University Press.

Resumo

Na retórica escolar helenística, e mais tardiamente nas épocas imperial romana e bizantina, têm lugar de relevo os *progymnasmata*. A primeira referência a um tal conjunto de exercícios retóricos é feita pelo autor da *Rhetorica ad Alexandrum* (séc. IV a.C.). Através deles, os aprendizes eram convocados a realizar exercícios de retórica, argumentação e composição literária sobre variados temas e personagens históricas gregas e míticas, como preparação para os discursos de grande fôlego que os futuros oradores haveriam de ser chamados a pronunciar. Entre essas personagens, figura a de Aquiles. À personagem estão associadas uma determinada reputação, glória, narrativas e um temperamento.

Nos mestres da progimnasmática, serviu de tema a três exercícios. Um deles, a *ethopoeia*, no qual se trabalhava a construção de um carácter com determinado perfil psicológico e emocional e se imaginavam as palavras que a personagem proferiria em determinadas circunstâncias e em diálogos com outras. A verosimilhança em concordância com a reputação da personagem era o critério do exercício bem feito. Veja-se a este respeito um escólio de Sópatro às questões inverosímeis nos seus comentários a *Estados de causa* de Hermógenes de Tarso. Tratando-se de um herói, presta-se ainda ao *enkomion* e ao *psógos*, encómio e censura. Censura, de facto, porque Aquiles e a sua ira foram também motivos para tal. Mais ainda, sendo embora o mais célebre herói das lendas, paradigma da bravura guerreira, aparece num papiro um texto em que é retratado como um covarde! Outro é o da *synkrisis*, em que se comparava uma personagem a outra sua émula (como Diomedes), no tocante ao nascimento, educação, virtudes, feitos e morte.

Conferiremos os passos dos tratados de *progymnasmata*: Élio Téon, Pseudo-Hermógenes, Aftónio, Nicolau de Mira e Libânio. Em Libânio, em contraste com os seus predecessores, houve a preocupação de fornecer uma larga colectânea de mini-discursos exemplares de cada exercício. O objectivo que nos propomos é refazer um retrato de Aquiles nestes discursos de escola.

Abstract

In Hellenistic scholastic rhetoric, and later in the Roman Imperial and Byzantine eras, *progymnasmata* have a prominent place. The first mention of an ensemble of exercises is by the author of *Rhetorica ad Alexandrum* (4th century B.C.). Through them, the apprentices were called upon to perform rhetorical exercises, argumentation and literary composition on various themes and Greek and mythical historical characters, as a preparation for the longer speeches that future orators would deliver. Achilles is one among these characters. To him a certain reputation, glory, narratives and a temperament are associated.

To the teachers of *progymnasmata*, Achilles' character was useful for three exercises. One of these *progymnasmata* was the *ethopoeia*, in which the character, with a given psychological and emotional profile was worked on and the words that this character would utter under given circumstances and in dialogues with others, were imagined. Plausibility in accordance with the character's reputation was the criterion of the well composed exercise. See in this regard a scholium to the unplausible questions in his commentaries on Hermogens of Tarsus' *On Issues* by Sopratus. Since it's about a hero, it serves as well to the *enkomion* and *psogos*, praise and invective. An invective, yes, because Achilles and his anger also motivated invective-speeches. What's more, although he is the most famous hero of the legends, a paradigm of bravery in war, in a papyrological text Achilles is portrayed as a coward! Another exercise is the *synkrisis*, in which a character was compared to another of his equals (such as Diomedes), regarding birth, education, virtues, deeds and death.

In this paper, passages from the treatises on *progymnasmata* by Aelius Theon, Pseudo-Hermogenes, Aphthonius, Nicolaus of Myra and Libanius will be examined. In Libanius, in contrast to his predecessors, there was a concern to provide a wide collection of micro-speeches, as paradigms for each exercise. Our goal in doing so is to retrace a portrait of Achilles in these school discourses.

